

LAGO DE FURNAS

Depois de acidente fatal com desabamento de encosta em janeiro de 2022, medidas buscam acompanhar processos de erosão em rochas e controlar acesso de visitantes

Turismo em cânions volta a crescer sob risco monitorado

Matheus Parrinhas
Enviado especial

Capitólio e São José da Barra — O fluxo de embarcações e turistas em cânions que margeiam o Lago de Furnas, no Sul de Minas, foi quase completamente retomado com medidas de segurança adotadas depois que o desabamento de uma encosta matou 10 pessoas e feriu 27, em 8 de janeiro de 2022, em Capitólio. Mas o perigo não foi definitivamente afastado. Segundo geólogos e a Polícia Civil de Minas Gerais (PCMG), o tipo de rocha quartzítica que forma os paredões continua em processo de erosão.

Mais partes dos paredões podem se desprender a qualquer momento, o que exige monitoramento diário, avaliam especialistas. No próprio Cânion de Capitólio, onde ocorreu o acidente, há seções em que as falhas e o pronciamento de rochas é visível por uma garganta que permite a passagem em larguras que variam de 30 a 50 metros de margem a margem.

A erosão das rochas é contínua, um processo natural. A tendência é mesmo que venham a cair, só não se sabe quando. Porém, é importante o monitoramento diário que os geólogos das prefeituras fazem, e controle das embarcações que entram, o impedimento de acesso de embarcações e turistas em condições desfavoráveis, além de um delegado regional da Polícia Civil, Marcos Pimenta.

O policial presidiu o inquérito que apurou o acidente e conduziu, a partir de escanecimentos medidos, testes periciais e levantamentos geológicos, que o desabamento foi natural. Mas, a partir disso, pudemos ver que as coisas estavam muito desorganizadas e apareceram outras irregularidades. Por isso, sugerimos 10 medidas para trazer mais segurança aos turistas, destaca o policial.

Com o monitoramento diário, tanto a Prefeitura de São José da Barra quanto de Capitólio informam não terem sido detectados movimentos das rochas que se encontram fraturadas, como a que desabou. "Vamos recomendar um novo estudo geológico, mais aprofundado, para saber ainda mais sobre as condições dos cânions e se é preciso alterar, intensificar ou abolir algumas das exigências de segurança".

SEGURANÇA E CONTROLE

Parte das medidas que passaram a ser exigidas nos cânions de Furnas

- Prefeituras contrataram geólogos que avaliam diariamente as condições e possíveis riscos dos paredões rochosos.
- Suspensão os passeios em dias chuvosos.
- Exigido a utilização de coletes e capacetes na área dos cânions.
- Número de embarcações limitado em cada atracação.
- Regulamentação de distanciamento das embarcações em toda atracação.
- Posto de controle do Morinho na entrada do Cânion de Capitólio confere exigências.
- Linha de boias limita a entrada no Cânion de Capitólio e separa o rio a 70 metros das cachoeiras e da parede que desabou.

FUNCIONAMENTO E ESTRUTURAS DO CÂNION DE CAPITÓLIO



Foto: Matheus Parrinhas/PCMG e pensativa

do secretário de Turismo de Capitólio, Samuel Maia. Segundo ele, os paredões estão seguros, e qualquer movimento ou condição adversa determina a suspensão da entrada de embarcações. "Pode até ter um desmoronamento, que algo da natureza, mas é praticamente impossível que haja alguém no cânion nessa hora", completa o secretário.

Segundo as prefeituras de São José da Barra e de Capitólio, o retorno dos turistas após o episódio de janeiro foi da ordem de 80%. Representantes dos municípios creditam isso ao aprimoramento

das medidas de segurança e de organização das visitas. "Diariamente os geólogos avaliam se ocorreu alguma movimentação das rochas. Até hoje, não se movem nem um centímetro. Se chegar, não passa ninguém. Temos um posto de controle que só permite uma embarcação por vez no cânion e ela não pode permanecer lá. Chega, lá manobra para sair ou voltar, e se não vier, descreve o secretário Maia.

DESAFIO Na entrada da garganta rochosa foi posicionado um posto de controle e uma primeira linha de boias que impede o ingresso de mais de uma embarcação por vez, segundo a Prefeitura de Capitólio. Dalí até a segunda linha de boias há um canal de 450 metros e larguras de 30 a pouco mais de 50 metros, até a barreira flutuante que impede que se chegue a menos de 70 metros do paredão que desabou e das duas cachoeiras que o margeiam. Ainda segundo a prefeitura, todos os ocupantes de embarcações devem usar capacetes e coletes flutuantes, desde a entrada até a saída com multa e penalidades para quem desobedece.

Contudo, a equipe do Estado de Minas registrou que, após a passagem pelas boias do posto de controle, a remoção de capacetes ocorreu de forma indiscriminada, com

uma com uma pose para uma selfie, para as mulheres ajustarem os cabelos ou os homens limparem rapidamente suor da cabeça, mas o equipamento de segurança acaba não sendo reutilizado. Em nenhuma das situações foram vistos fiscais ou integrantes da tripulação cobrando o reposicionamento do equipamento de segurança. Algo que só ocorreu quando funcionários do parque que funciona acima do cânion gritaram e gesticularam, para alertar que era necessária a proteção.

RONDA DIÁRIA Em São José da Barra, uma das principais atrações é o Vale dos Tucanos, onde medidos de segurança também passaram a vigorar. Diariamente, geólogos percorrem as atrações, entre dia e à noite, antes de liberar o acesso de turistas. "São realizadas observações visuais em escala macro de todo o ambiente e também avaliados quaisquer relatos de fiscais, marinhaletes ou visitantes", afirma o secretário de Turismo do município, Lyven Kelly de Avelar Lara. Segundo ela, foram estabelecidos pontos específicos de controle e registros fotográficos diários, realizados com imagens de alta resolução, de forma que seja possível verificar detalhes de eventuais alterações.



Medidas adotadas deram mais segurança a turistas como o casal Alexandre e Márcia Salto, de SC: "Mais organizado"

Perfil de visitantes muda após medidas

A retomada do turismo com mais regras de segurança tem atraído um público diferente e que não faz questão de fundear as lanchas debaixo da cachoeira, na beira dos paredões dos cânions e nem de ficar sob áreas arborizadas. "Antes, eram 14 barcos dentro dos cânions, tocando música, gente ruidando, fazendo churrasco. Agora a coisa se organizou mais, abridoo espaço para outros perfis de visitantes", observa o delegado regional da Polícia Civil, Marcos Pimenta.

"Nosso turismo agora tem sido de muitas famílias e de casais. Principalmente de visitantes de São Paulo, Rio de Janeiro e de outras cidades de Minas, seguidos pelos do Rio Grande do Sul", destaca o secretário de Turismo de Capitólio, Samuel Maia.

O policial acredita que ainda mais mudanças de perfil estejam por vir com a instalação de um grande empreendimento de hotelagem e parque aquático, previsto para os próximos três anos para os arredores do Cânion de Capitólio.

Uma outra forma de admirar o visual natural e as belezas do cânion é pelos mirantes, trilhas, passeios e trilhas do Cataguá, Parque Mirante dos Cânions. A proposta de aliar a contemplação e o ecoturismo com a adrenalina de se despenhar em ca-

bas de aço suspensas sobre a garganta do cânion, cruzando a passagem de um bado a outro, também experimenta uma quase retomada turística em níveis pré-acidente e anteriores à pandemia do novo coronavírus. "Antes, ossem alfodas lanchas e a desorganização alstaram o tipo de turista que hoje nos procura, que quer ver a natureza, ouvir o canto dos passaros e apreciar o cânion", afirma o gerente de aventura Mathews Turri. "Passamos por tempos difíceis e escassos depois da tragédia. Mas o ano novo e o carnaval foram muito bons. Mudou o público. As excursões de ônibus vieram e chegaram mais carros particulares. Os turistas do Sul do Brasil também estão vindo mais", disse o gerente operacional Bruno Teixeira.

Os turistas parecem confiantes na segurança. Vindo de Florianópolis, o casal formado pelo analista de sistemas Alexandre Salto e pela auxiliar administrativa Márcia Salto, ambos de 49 anos, sabia do acidente de janeiro. Mas eles afirmam que isso não contou negativamente na escolha dos passeios.

"Primeiro, fomos a Ouro Preto e depois descemos para Furnas. A gente sabia da tragédia que ocorreu, mas fizemos o passeio de barco e vimos que estava muito mais organizado, os procedimentos nos passaram muita segurança. Agora estamos explorando a parte terrestre dos cânions. Gostamos muito e recomendamos", disse Alexandre.

Desgaste natural e fissuras em paredes demandam vigilância constante. Geólogos fazem medições diárias e passeios são suspensos em condições adversas



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais Pagina: 10